

Sob a vontade dos céus e dos EUA

Muçulmanos, judeus, cristãos, todos juntos e separados num mundo em que a geopolítica americana se desenrola ora para a frente, ora para trás, em cenários de total incerteza. Por **Oscar Pilagallo**, para o Valor, de São Paulo

O jornalista Ali Kamel tem se dedicado a minar convicções tidas como progressistas. No ano passado, o diretor-executivo de jornalismo da TV Globo lançou “Não Somos Racistas”, livro em que ataca a política de cotas para negros nas faculdades, tema que, embora controverso, conta com o apoio de parte das esquerdas. Agora, com “Sobre o Islã — A Afinidade entre Muçulmanos, Judeus e Cristãos e as Origens do Terrorismo” (Nova Fronteira, 320 págs., R\$ 34,90), ele defende a invasão americana do Iraque, que, em retrospecto, é criticada até pela imprensa conservadora nos EUA, para não mencionar liberais do mundo todo, que desde o início não pouparam George W. Bush.

Kamel tem plena consciência do impacto que suas opiniões provocam. “Sei que pareço antipático ao nadar contra a maré”, escreve ele, ao observar que a opinião pública já julgou Bush, tachando-o de mentiroso e desonesto. Para o autor, ele não foi nem uma coisa nem outra. Apenas reagiu às informações disponíveis na época: que Saddam Hussein tinha armas de destruição em massa e que o Iraque, uma vez derrotado o Afeganistão dos talibãs, daria guarida ao grupo terrorista Al-Qaeda. Tais informações só foram mais tarde colocadas em dúvida, o que comprometeria a legitimidade da condenação a Bush.

Nadar contra a maré dá mais trabalho. Para refutar a opinião dominante sobre o papel dos EUA no Iraque, Kamel analisou pilhas de documentos, muitos dos quais tiveram circulação restrita e provavelmente nunca haviam sido traduzidos para o português. Dessa papelada, pinçou trechos que corroboram sua tese. É uma leitura que tem a consistência de um minucioso trabalho de investigação, algo que deve ser reconhecido mesmo por quem não concorde com o que diz o autor.

Alguns argumentos de Kamel — embora inconvincentes para aquela maioria a quem ele sabe ser inútil pedir concordância — estimulam a reflexão de espíritos ideologicamente desarmados. Ele pondera, por exemplo, que se armas tivessem sido descobertas no Iraque, a invasão não seria hoje criticada, da mesma maneira que não se critica a invasão do Afeganistão (igualmente condenada num primeiro momento, quando Osama bin Laden, escondido pelos talibãs, ainda não havia assumido a autoria intelectual dos ataques de 11 de setembro).

Outro ponto a favor de Kamel: ele lembra que, antes da invasão do Iraque, a preocupação com as possíveis armas de Saddam era compartilhada pelos democratas, que “esqueceram” esse apoio ao criticar Bush posteriormente. Também faria senti-



do descartar o petróleo como causa da invasão. “Comprar petróleo sempre foi mais barato do que tomá-lo. E os EUA podem ser acusados de tudo, menos de falta de racionalidade econômica”, diz o jornalista. Kamel, que também é sociólogo e não resiste à provocação: “No passado, os marxistas mais esclarecidos diriam aos menos esclarecidos que explicar a guerra apenas pelo lado do petróleo era ser economicista. Agora, creio, ou não há mais marxistas esclarecidos ou os dois lados tiveram uma recaída no mecanicismo econômico”.

Em outros argumentos, porém, é possível identificar alguma fragilidade. Emprestar relevância à diferença entre veto e falta de autorização da ONU para a invasão, por exemplo, não ajuda o debate. Sim, são coisas diferentes, e é fato que nunca houve veto, mas nada disso muda a essência do que está em discussão: se os EUA agiram corretamente ou não ao tomar uma decisão unilateral sem a anuência da comunidade internacional. E quanto à afirmação de que os americanos sempre agiram à revelia da ONU, explica, mas não justifica.

A enfática defesa de Bush pode dar a impressão de que Kamel nutre simpatias pelo presidente americano. É uma impressão errada. O jornalista o tem como incompetente. “Isolado, sem poder contar com a Europa, o governo Bush foi, sobretudo, de uma inépcia no pós-invasão poucas vezes vista na história americana”, afirma, referindo-se ao caos em que o Iraque se encontra, com atentados quase diários que põem em risco o esforço empreendido até o momento.

Toda essa polêmica está condensada no quinto e último capítulo. Os quatro primeiros são dedicados ao que promete o subtítulo: às semelhanças entre as três religiões monoteístas e às origens do terrorismo. São duas narrativas diferentes, e não seria exagero dizer que a polêmica sobre a invasão é quase um livro dentro do livro. No primeiro e mais extenso, Kamel abre o foco, privilegia a narrativa, mergulha nos livros sagrados, investe no didatismo, proporciona ao leitor uma viagem pela história das religiões, das culturas. No segundo, se entrega a minudências que podem vir a

ter vida efêmera (o que só se poderá saber quando novas evidências vierem à luz). Enfim, é notável o que “Sobre o Islã” ganha à medida que se afasta da polêmica.

Poucos autores teriam perfil mais adequado para se dedicar à tarefa de entrelaçar as histórias das três religiões. Kamel tem ascendência muçulmana (o pai nasceu na Síria) e cristã (a mãe é brasileira), e sua mulher é judia “de família praticante”.

A figura central dos monoteísmos é Abraão. Segundo a tradição, ele teve filhos com sua mulher e com uma escrava. Da primeira, nasceu Isaac; da segunda, Ismael. A primeira descendência desembocaria no cristianismo e no judaísmo; a segunda, no islamismo. Jesus e Moisés são tratados com deferência pelo Alcorão. Quanto ao profeta Maomé, fundador do islamismo, seus adversários eram os politeístas. De qualquer maneira, não há nada nos livros sagrados que incite à violência degenerada em terrorismo.

A divisão do Islã começou logo após a morte de Maomé, no século VII. Para os sunitas, o profeta não indicou sucessor. Para os xiitas, escolheu um primo, que seria o primeiro guia espiritual. Desde então, as duas vertentes do islamismo nunca mais se entenderam. Os xiitas viraram sinônimo de radicalismo. Mas são os sunitas ultra-ortodoxos que praticam o terrorismo atual.

Um dos capítulos mais interessantes de “Sobre o Islã” é o que mostra a origem da Al-Qaeda, a partir da década de 1950, com o movimento Irmandade Muçulmana, cujo mentor, Sayyid Qutb, influenciaria Bin Laden. Sobre Qutb, um autor prolífico, Kamel afirma: “O ódio ao Ocidente será a grande marca de sua obra”.

A esse ódio Kamel não chama de fundamentalismo. Afinal, não se trata de voltar aos fundamentos da fé. O que se encontra no Alcorão é, sobretudo, tolerância, como Kamel demonstra. O nome correto, defende ele, seria totalitarismo, a tentativa de impor uma fé por meio da força, o que é uma deturpação do islamismo. Nesse caso, o autor é secundado pela própria etimologia. Em árabe, muçulmano quer dizer aquele que se submete, voluntariamente, à vontade de Deus.

Ali Kamel: De novo contra a maré, com apoio de minuciosa investigação e interpretações que estimulam a reflexão sobre temas que entrelaçam questões políticas e religiosas